

CRISE AMBIENTAL E CLIMÁTICA

Mulheres Negras na Linha de Frente

**Dados, vozes e caminhos para
políticas públicas mais justas**



APOIO

act:onaid

PARCERIA



REALIZAÇÃO



OXFAM
Brasil



**OBSER
VATÓRIO
DA BRAN
QUITUDE**





INTRODUÇÃO

A crise climática no Brasil tem aprofundado desigualdades históricas, atingindo de forma desproporcional mulheres negras, sobretudo no acesso à alimentação adequada e ao saneamento básico – que inclui o direito à água e à coleta de lixo. Este documento reúne evidências oficiais que revelam como esses direitos essenciais seguem negados a parcelas significativas da população. Ao mesmo tempo, destaca as soluções comunitárias lideradas por mulheres que, diariamente, constroem alternativas para garantir a sobrevivência e a dignidade em seus territórios.

Os dados mostram que a precariedade dos serviços de saneamento está concentrada em áreas periféricas e rurais, onde mulheres negras vivem em maior número. Nesses locais, são elas que assumem a responsabilidade de buscar água, lidar com a falta de coleta de resíduos e enfrentar os riscos sanitários resultantes da ausência de infraestrutura adequada. No campo da alimentação, os números também são alarmantes: lares chefiados por mulheres negras estão entre os mais afetados pela insegurança alimentar, revelando a interseção entre desigualdade de gênero, raça e pobreza em tempos de crise climática.

Ao mesmo tempo, este levantamento mostra que, apesar das vulnerabilidades, mulheres negras estão na linha de frente das soluções. Organizadas em redes comunitárias, elas têm desenvolvido estratégias de enfrentamento que incluem hortas coletivas, sistemas alternativos de coleta e reciclagem e práticas de gestão comunitária da água. Essas respostas locais não apenas reduzem os impactos imediatos da crise, mas também oferecem pistas concretas para a formulação de políticas públicas mais justas e efetivas.



COLAGEM COM FOTOS DE MARCELLO CASAL JR, TÂNIA RÉGO E MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL E GOOGLE MAPS

Três experiências emblemáticas são apresentadas neste documento em formato de depoimentos das mulheres que protagonizam essas iniciativas e reforçando a centralidade de sua atuação. As histórias, acompanhadas por infográficos, ilustram o potencial de políticas que partem das práticas já existentes nos territórios.

Diante desse cenário, torna-se urgente que políticas públicas nacionais e locais incorporem de forma transversal o recorte de gênero e raça, reconhecendo as mulheres negras como sujeitas políticas centrais na agenda climática. Ampliar o acesso ao saneamento básico, incluindo à água, investir em programas de segurança alimentar e fortalecer iniciativas comunitárias são passos fundamentais para a construção de uma agenda de justiça climática que dialogue diretamente com o direito à cidade.

A publicação deste documento antecede o lançamento da pesquisa sobre os impactos da 1ª Marcha das Mulheres Negras e seu legado para a 2ª Marcha. O diálogo entre dados oficiais, experiências locais e recomendações estratégicas reafirma a importância de colocar a luta das mulheres negras no centro das respostas à crise climática e à defesa de cidades mais justas.

Vitória Régia da Silva

Gênero e Número

Viviana Santiago

Oxfam Brasil

Manuela Thamani

Observatório da Branquitude

ACESSO À DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA

2022

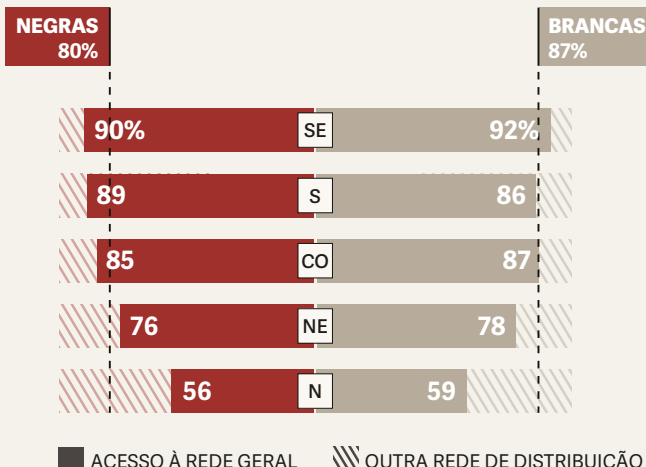
80%

das pessoas negras no Brasil têm acesso à rede geral de distribuição de água.

Na região Norte, a proporção é ainda menor — **56%** —, o que evidencia as desigualdades no acesso a esse serviço essencial.

FONTE IBGE

MÉDIA BRASIL



ACESSO À REDE DE ESGOTO

2022

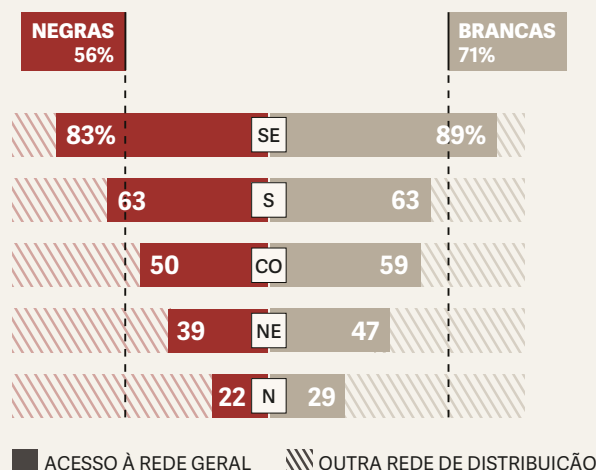
56%

das pessoas negras no Brasil têm acesso à rede geral de esgoto.

Na região Norte, a proporção cai para **22%**, revelando a profundidade das desigualdades no saneamento básico.

FONTE IBGE

MÉDIA BRASIL



ACESSO À COLETA DE LIXO

2022

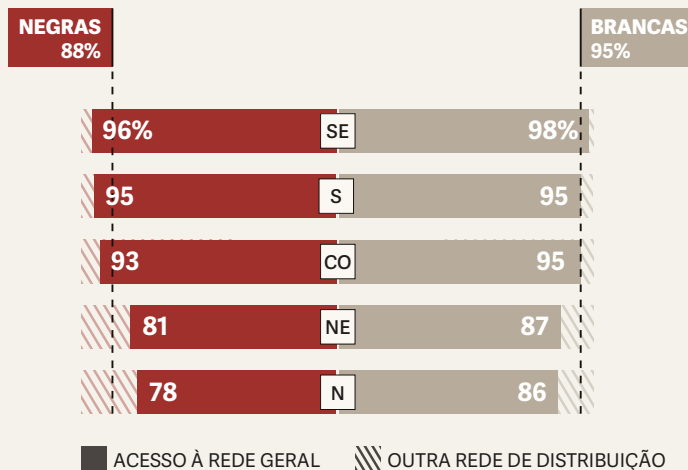
88%

das pessoas negras no Brasil têm acesso à coleta de lixo.

Na região Norte, esse número chega a **78%**, evidenciando a exclusão racial também na gestão de resíduos.

FONTE IBGE

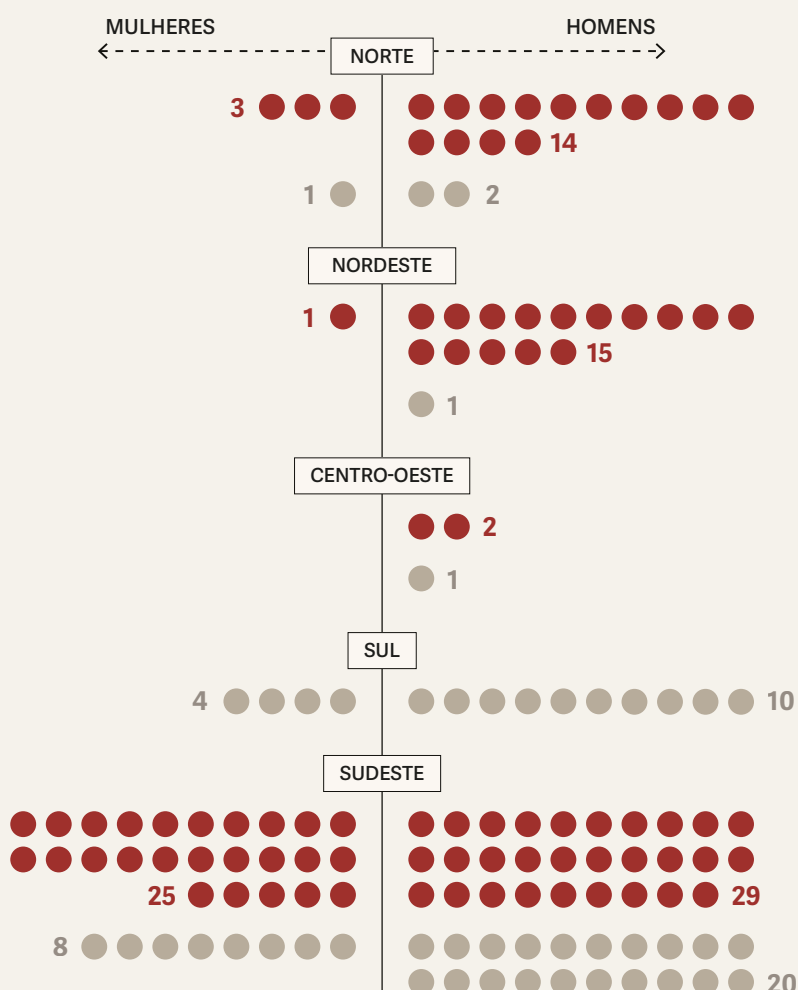
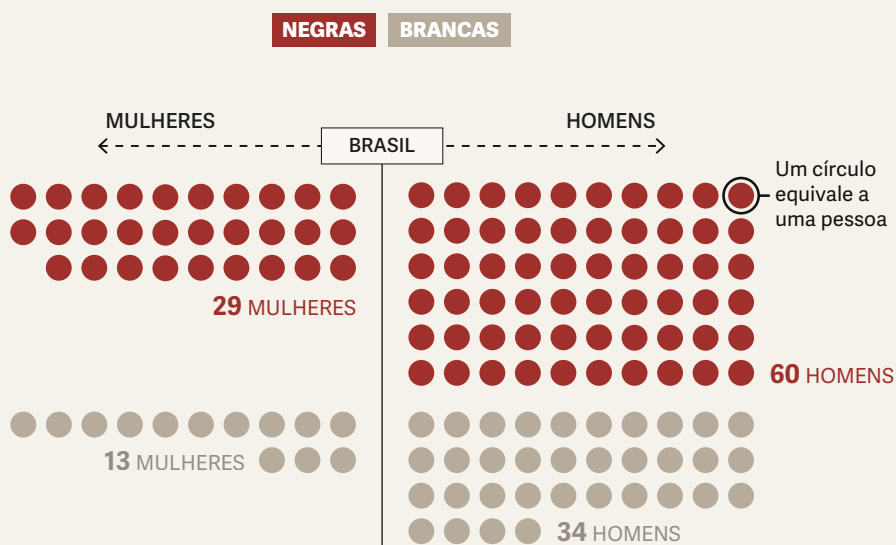
MÉDIA BRASIL



20%

das vítimas fatais de inundações no Brasil foram mulheres negras

Em números absolutos, elas morreram duas vezes mais do que as mulheres brancas.

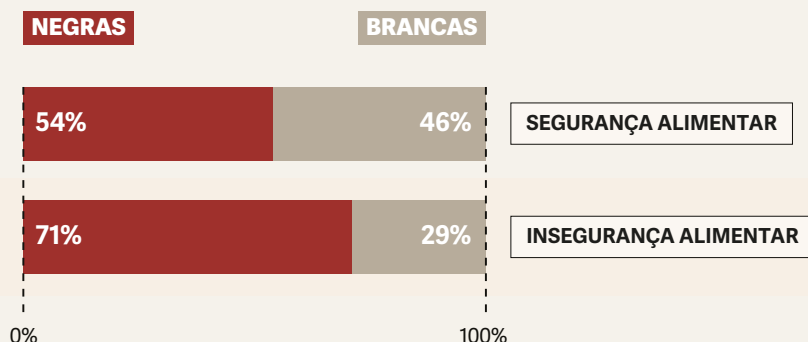


FONTE SIM

71%

das pessoas responsáveis pelo domicílio que vivem em algum grau de insegurança alimentar eram negras.

Entre as pessoas brancas, 29% estão em algum grau de insegurança alimentar.



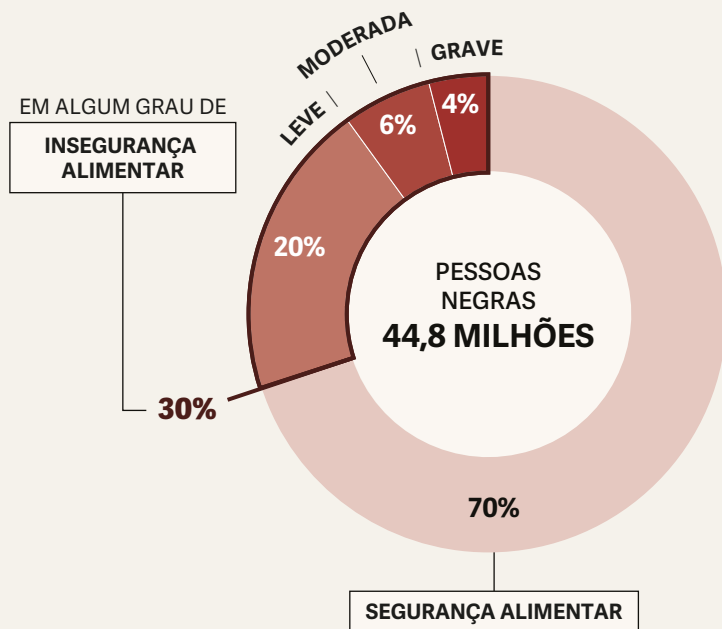
SEGURANÇA ALIMENTAR

Acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer outras necessidades.

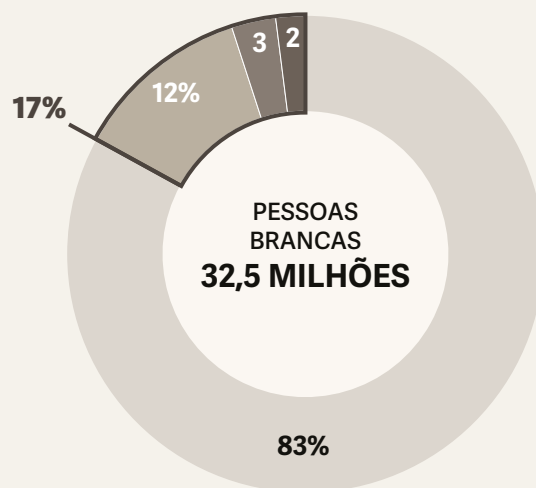
INSEGURANÇA ALIMENTAR

LEVE	MODERADA	GRAVE
Preocupação ou incerteza quanto ao acesso aos alimentos no futuro; qualidade inadequada resultante de estratégias para poupar alimentos.	Redução quantitativa de alimentos entre adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação pela falta de alimentos entre adultos.	Redução quantitativa de alimentos e ruptura de padrões para todos os moradores, incluindo crianças; a fome é uma experiência vivida no domicílio.

Nos casos em que essa segurança não existe, a situação de insegurança alimentar pode ser classificada em diferentes níveis:



2 EM CADA 3 pessoas responsáveis pelo domicílio em insegurança alimentar leve eram negras.



3 EM CADA 4 pessoas responsáveis pelo domicílio em insegurança alimentar moderada ou grave eram negras.

VOZES DO TERRITÓRIO

KLEIDIANNY FERREIRA SOUSA

Liberdade é ver a palmeira em pé



COLAGEM COM FOTOS DE ACTIONAID

Na comunidade quilombola Monte Alegre, em São Luís Gonzaga, no Maranhão, vive Kleidianny Ferreira Sousa, mulher negra, quilombola, quebradeira de coco babaçu, pescadora, professora, mãe e defensora incansável das florestas e dos babaçuais.

Filha da terra e das palmeiras, Kleidianny construiu sua trajetória entre o trabalho duro do extrativismo responsável e a luta coletiva por reconhecimento e direitos. Como presidente da Associação de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu do município, ela lidera outras mulheres na defesa de um modo de vida que resiste às cercas, ao desmatamento e à desigualdade.

“É difícil, porque enquanto mulher, a gente já é desvalorizada e, enquanto liderança, a gente já é desvalorizada, porque a sociedade sempre diz que o espaço reservado para a mulher é a cozinha. Mas quando uma mulher negra, liderança e quilombola diz que não, que o lugar dela não é na cozinha, e sim onde ela quer estar, a gente vê que há um preconceito grande, há um olhar de negação. Então, para mim, ser mulher negra e liderança é justamente liberdade. É me libertar e libertar outras mulheres”, afirma.

A luta de Kleidianny é também pela terra e pelo direito de viver dela.

O sonho que a move é simples e profundo: “Eu sonho em viver em um território livre, onde eu possa circular por todos os espaços novamente sem ter que passar por uma cerca. Eu sonho em tomar um banho ali no igarapé. Meu sonho é tão simples. Eu não sonho em enriquecer, eu sonho em viver bem daqui dessa terra”.

Em cada palavra e gesto, Kleidianny reafirma o que o babaçu simboliza para tantas mulheres negras do Maranhão: resistência, sustento e liberdade.



Para a gente valorizar a terra, precisa se unir enquanto mulher, enquanto movimento pela preservação da palmeira em pé. Porque, se não tiver palmeira em pé, não vai ter quebradeira, não vai ter mulher trabalhando”.

Cultivar liberdade e sustento na terra conquistada

Na zona da mata pernambucana, entre o verde das plantações e o calor do sol do interior, vive Gercina Maria da Costa. Mulher negra e agricultora familiar, ela construiu, com as próprias mãos, uma vida de resistência e colheita em um assentamento da Reforma Agrária, em Paudalho.

Desde 2005, Gercina cultiva a terra que ajudou a ocupar um ano antes, ao lado de outras famílias que reivindicavam o direito a produzir e viver com dignidade. Em 2008, veio o reconhecimento oficial: o título de posse de sete hectares concedido pelo Incra. Hoje, um hectare é dedicado à agrofloresta, sistema que combina o plantio de frutas, verduras e legumes com espécies florestais, sem o uso de defensivos químicos.

A escolha por uma produção livre de venenos é também um ato político e de cuidado.

Integrante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Gercina é parte de uma geração de mulheres negras que não apenas enfrentam as desigualdades históricas no acesso à terra, mas também constroem, todos os dias, um modelo de futuro sustentável. Em seu quintal produtivo, ela cultiva mais do que alimentos: cultiva autonomia, justiça e vida em harmonia com a natureza.



É muito gratificante produzir na terra para nosso próprio sustento. A maioria das coisas vem da terra, como macaxeira, batata-doce e frutas. Isso gera muita satisfação, ter esse pedaço de terra em que posso produzir aquilo com que quero me alimentar. Plantar sem agrotóxicos, sem venenos. Além de me alimentar, também vendo para as pessoas da cidade”.



Educadora e liderança quilombola em defesa da saúde e da terra

Arlete Pereira, professora e líder quilombola de 59 anos, conhece de perto os desafios enfrentados pelas famílias do Quilombo Mata Cavalo, em Nossa Senhora do Livramento, na Grande Cuiabá, Mato Grosso. Em uma comunidade de 14 mil hectares, vivem 500 famílias que não têm acesso à coleta regular de resíduos, esgoto tratado ou água potável.

No quilombo, o lixo, incluindo garrafas de vidro e plástico, além de embalagens de papel, é queimado ou enterrado, expondo moradores a riscos ambientais e de saúde.

Apesar de ter sido certificado pela Fundação Palmares e reconhecido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), Mata Cavalo ainda não teve suas terras tituladas formalmente. Para Arlete, a ausência dessa titulação contribui para a privação de direitos básicos e para a vulnerabilidade da comunidade.

Mesmo diante das dificuldades, Arlete mantém seu compromisso com a educação e a organização comunitária. O quilombo conta com duas escolas, uma municipal e outra estadual, que têm coleta de lixo apenas uma vez por semana, enquanto a comunidade permanece sem serviços essenciais. A liderança de Arlete evidencia não apenas a luta diária por direitos e dignidade, mas também a força das mulheres negras na defesa da terra, da saúde e da vida em seus territórios.



Aqui, crianças e idosos sempre têm problemas respiratórios por causa da fumaça da queima do lixo”.



ORGANIZAÇÕES

Gênero e Número

A Gênero e Número é uma associação sem fins lucrativos que produz, analisa e dissemina dados especializados em gênero, raça e sexualidade em diferentes formatos para apoiar a garantia dos direitos de mulheres, populações negra, indígena e LGBTQIA+.

Oxfam Brasil

A Oxfam Brasil é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos e independente, que há 10 anos atua na construção de um país com mais justiça e menos desigualdades. Para que a sociedade seja de fato mais justa, equitativa e solidária, é fundamental investir em ações focadas na defesa de direitos e na ampliação do protagonismo de pessoas negras e juventudes LGBTQIAPN+.

Observatório da Branquitude

O Observatório da Branquitude é uma associação sem fins lucrativos que produz e dissemina pesquisas, ideias e análises com objetivo de popularizar o debate a respeito do papel da branquitude na manutenção das históricas hierarquias raciais no Brasil e no mundo.

EXPEDIENTE

COMITÊ GESTOR DO ESTUDO

Vitória Régia da Silva
Gênero e Número

Bárbara Barbosa
Oxfam Brasil

Manuela Thamani
Observatório da Branquitude

ORGANIZAÇÃO

Gênero e Número

AUTORA

Vitória Régia da Silva

ENTREVISTAS

Adriana Amâncio

ANÁLISE DE DADOS

Diego Nunes da Rocha

PROJETO GRÁFICO

Victória Sacagami
Larissa Silveira

VISUALIZAÇÃO DE DADOS

Larissa Silveira

REVISÃO

Bruna de Lara
Sara Ramona

APOIO

ActionAid

(CAPA) COLAGEM COM FOTOS DE FERNANDO FRAZÃO, MARCELLO CASAL JR
E MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL E GOOGLE MAPS

Este documento é disponibilizado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY SA 4.0). Você pode compartilhar, copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato, e adaptar o conteúdo, inclusive para fins comerciais, desde que atribua os créditos adequados à Gênero e Número, Oxfam Brasil e Observatório da Branquitude e indicando se alterações foram realizadas.

COMO CITAR ESTE SUMÁRIO

Gênero e Número; Oxfam Brasil; Observatório da Branquitude. Crise Ambiental e Climática: Mulheres Negras na Linha de Frente. Rio de Janeiro, 2025.

APOIO

act:onaid

PARCERIA



REALIZAÇÃO

